Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Ana Sofia Cardoso Ricardo Soares

Adversidade no seio da família e comportamento desviante em rapazes e raparigas: A vinculação como fator mediador?

junho de 2024

Adversidade no seio da família e comportamento desviante em rapazes e raparigas: A vinculação como fator mediador?
Ana Sofia Cardoso Ricardo Soares
UMinho | 2024

Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Ana Sofia Cardoso Ricardo Soares

Adversidade no seio da família e comportamento desviante em rapazes e raparigas: A vinculação como fator mediador?

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Ângela Maia e da **Doutora Patrícia Correia Santos**

junho de 2024

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Agradecimentos

À Professora Doutora Ângela Maia, um sincero obrigada pela partilha de conhecimentos, apoio e dedicação, que foram fundamentais para o meu percurso académico.

À Doutora Patrícia Correia Santos, um enorme obrigada por toda a paciência, orientação e acompanhamento durante este processo, e por estar sempre tão disposta a ajudar.

A todos os elementos da equipa de investigação "Experiências Adversas e Traumáticas" por toda a ajuda, conselhos e partilha de conhecimentos. Um especial agradecimento à Tânia pelo apoio e troca de experiências.

À minha família de Braga, ao Cesto, obrigada por me fazerem sentir em casa durante estes 5 anos e por estarem sempre lá, nos bons e maus momentos, esta caminhada não teria sido a mesma sem vocês. Um agradecimento especial às minhas colegas de casa, à Daniela e à Rita, por todo o apoio e momentos que partilhamos, e à Ju e à Rafa por terem ajudado a tornar este ano menos stressante. Por último, um enorme obrigada à minha amiga Castro por todos os momentos, risos e choros, e por ter sempre um ouvido amigo.

À minha família e aos meus pais, em sincero obrigada pelo apoio durante estes anos e por terem sempre respeitado as minhas decisões. Um agradecimento muito especial à minha mãe, por ter sempre a palavra e o abraço certo, por acreditar sempre em mim e estar sempre lá, mesmo quando eu acho que não preciso, nada seria possível sem ti.

Um obrigada a todos que fizeram com que esta viagem fosse mais especial!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.



Assinado por: Ana Sofia Cardoso Ricardo Soares
Identificação: BI30684543
Data: 2024-06-07 às 19:28:56

Adversidade no seio da família e comportamento desviante em rapazes e raparigas: A vinculação como fator mediador?

Resumo

A relação entre experiências adversas na infância, especificamente no seio familiar, e o desenvolvimento de comportamentos desviantes tem sido explorada na literatura. Estudos nesta área tendem procurar fatores que possam explicar esta relação. O presente estudo teve como objetivo analisar se a vinculação ansiosa e evitante é um fator mediador na relação entre o Total de Experiências Potencialmente Traumáticas (EPT) em indivíduos com adversidade no seio familiar, e comportamento desviante, explorando o modelo para rapazes e raparigas separadamente. A amostra deste estudo foi selecionada através de dados recolhidos no contexto de um estudo que decorreu no âmbito da equipa de investigação, sendo constituída por 125 participantes, 76 raparigas e 49 rapazes, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos. Os resultados revelaram que o modelo total da mediação é significativo, na amostra feminina, no entanto, a vinculação evitante ao pai, não se apresenta como preditor significativo dos comportamentos desviantes. Uma possível explicação para este resultado poderá ser o tamanho reduzido da amostra. Contudo, os resultados parecem apontar no sentido de que um possível mecanismo explicativo, da relação entre EPT e comportamentos desviantes, em raparigas que reportam adversidade no seio da família, é a vinculação evitante ao pai.

Palavras-chave: adversidade familiar; comportamentos desviantes; vinculação ansiosa; vinculação evitante

Adversity Within the Family and Deviant Behavior in Boys and Girls: Is Attachment a Mediating Factor?

Abstract

The relationship between adverse childhood experiences, particularly within the family context, and the development of deviant behaviors has been explored in the literature. Studies in this area tend to seek factors that may explain this relationship. The present study aimed to analyze whether anxious and avoidant attachment is a mediating factor in the relationship between the total number of potentially traumatic experiences (PTE) in individuals with familial adversity and deviant behavior, exploring the model separately for boys and girls. The sample for this study was selected using data collected in the context of a research team's ongoing study, consisting of 125 participants, 76 girls and 49 boys, aged between 12 and 17 years. The results revealed that the total mediation model is significant in the female sample; however, avoidant attachment to the father does not present as a significant predictor of deviant behaviors. A possible explanation for this result could be the small sample size. Nevertheless, the results seem to indicate that a possible explanatory mechanism for the relationship between PTEs and deviant behaviors in girls reporting family adversity is avoidant attachment to the father.

Keywords: anxious attachment; avoidant attachment; deviant behaviors; family adversity

Índice

Adversidade no seio da família e comportamento desviante em rapazes e raparigas: A vinculação como fator mediador? 8
Método 13
Participantes 13
Instrumentos 14
Procedimento 16
Análise de Dados 16
Resultados 17
Estatísticas descritivas 17
Correlações entre as Variáveis do Estudo 18
Papel Mediador da Vinculação na Relação entre Adversidade Familiar e Comportamento Desviante 19
Discussão 20
Referências 24
Anexo A 28

Índice de Tabelas

Tabela 1. Características Sociodemográficas dos Participantes 13
Tabela 2. Estatísticas descritivas 17
Tabela 3. Correlações de Pearson entre as variáveis 18

Índice de Figuras

Figura 1. Efeito da Vinculação Evitante em relação ao Pai como mediador na relação entre o Total de EPT e Comportamento Desviante 19

Adversidade no seio da família e comportamento desviante em rapazes e raparigas: A vinculação como fator mediador?

O desenvolvimento humano é influenciado por diversos fatores, incluindo as experiências vividas na infância. A adversidade na infância é um problema critico de saúde pública com elevada prevalência global e impacto negativo a longo prazo na saúde do indivíduo (Nelson et al., 2020). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), a adversidade na infância é uma exposição a qualquer tipo de abuso físico, sexual, emocional ou negligência que ocorreu antes dos 18 anos de idade e é uma das maiores fontes de stress que uma criança poderá sofrer no seu início de vida. Um estudo de Okediji et al. (2024), que usou dados do ALSPAC *(Avon Longitudinal Study of Parents and Children)*, verificou que 30.2% dos adolescentes relataram ter experienciado um tipo de adversidade na infância e que 7.4% relataram ter experienciado quatro ou mais tipos de adversidades na infância. O tipo de adversidade mais relatado entre os adolescentes do ALSPAC foi a fragilidade da saúde mental dos pais, incluindo suicídio, com uma incidência de 37.7%. Os outros tipos de adversidades mais reportados estavam, igualmente, relacionados com as figuras parentais, tendo 19.4% dos adolescentes relatado separação dos pais e 18.5% violência parental. De facto, a família desempenha um papel crucial no desenvolvimento infantil, incluindo a formação de fatores de risco e proteção para o desenvolvimento de padrões de comportamento relacionados com agressão e violência (Labella & Masten, 2018).

A teoria dos sistemas de desenvolvimento, reconhece que o desenvolvimento individual é influenciado por interações em diversos níveis do sistema, com destaque para a interação familiar (Ungar, 2021). Um bom funcionamento familiar potência a nossa compreensão da resiliência, pois fornece recursos que ajudam a resistir e recuperar das adversidades (Walsh, 2016). Um princípio básico na teoria dos sistemas familiares é que desafios persistentes da vida impactam a família como um todo e, por sua vez, os processos familiares medeiam a adaptação dos membros individuais e as suas relações (Ungar, 2021). Um dos fatores importantes na adaptação das crianças no período após a exposição traumática é a resposta dos cuidadores (Brown et al., 2020). De facto, os prestadores de cuidados têm o poder de proporcionar orientação para lidar com a situação, apoio social e emocional, evitar traumas futuros e facilitar acesso a tratamento psicológico (Brown et al., 2020). O estudo de Cross et al. (2017) verificou que na ausência do apoio dos cuidadores, crianças com experiências traumáticas desenvolveram dificuldades cognitivas, comportamentais e de autorregulação emocional. Uma vez que o apoio familiar funciona como fator de proteção para as crianças expostas a eventos potencialmente

traumáticos, a ausência deste apoio pode estar relacionada com uma maior probabilidade de utilização de métodos de coping desadaptativos por parte dos jovens vitimizados (Cross et al., 2017).

A adversidade familiar pode ser conceptualizada como a exposição cumulativa a vários tipos de risco familiar (Lacey & Minnis, 2020). Geralmente, experiências adversas na infância não são um acontecimento isolado, visto que ocorrem em simultâneo com outras experiências adversas (Wadman et al., 2020). Assim sendo, num estudo sobre adversidade na infância e respetivas consequências, é importante a analise do efeito cumulativo de múltiplas experiências adversas (Hughes et al., 2017). Segundo Lacey & Minnis (2020), indivíduos que experienciam adversidade na infância em diferentes domínios sociais têm mais dificuldade em lidar com estas experiências, do que indivíduos que vivenciem adversidade apenas num domínio. Esta afirmação é corroborada pelo estudo de Vig et al. (2019) que comprovou que indivíduos que experienciaram quatro ou mais tipos de adversidade apresentaram piores condições de saúde mental do que indivíduos que experienciaram menos tipos de adversidades. Estes estudos enquadram-se no seguimento da descoberta de Hamby et al (2021) que reconheceu que a nossa compreensão sobre a carga cumulativa e omnipresença do trauma expandiu-se nos últimos anos.

Segundo a teoria de vinculação de Bowlby (1969), a parentalidade negligente ou insensível impossibilita o desenvolvimento de uma vinculação segura nas crianças, fundamental no relacionamento com outros (Nelson et al., 2020). A vinculação é um processo psicossocial que diz respeito ao laço emocional profundo que liga dois indivíduos, em que um indivíduo obtém segurança do contacto físico e psicológico com a figura de vinculação (Rincón-Cortés & Sullivan, 2014). Tipicamente, é o lar o sítio onde o comportamento da criança é moldado. Neste sentido, é em casa que as crianças aprendem a distinguir os conceitos de certo e errado e a regular as suas emoções, pensamentos e comportamentos. Esta aprendizagem só acontece quando existe um estilo de vinculação adequado entre os pais e a criança (Aute, 2020).

As crianças que apresentam vinculação segura com os seus cuidadores manifestam um "modelo interno de trabalho" positivo de si mesmas e dos outros (Doyle & Cicchetti, 2017). Crianças que vivenciam uma vinculação segura com os seus pais tendem a desenvolver uma maior autenticidade relativamente a si e aos outros, demonstrando mais coerência nos seus comportamentos (Aute, 2020). Ademais, a vinculação parental segura está associada a um nível de desempenho académico elevado. Os filhos com uma relação saudável e segura com os seus pais manifestam mais motivação, e concentração nos estudos, o que resulta em melhores resultados académicos. A vinculação segura

proporciona, também, uma base sólida para o desenvolvimento saudável da autovalorização, originando uma autoestima elevada (Muhammad et al., 2013). Além disso, a vinculação parental segura tem sido relacionada com comportamentos sexuais responsáveis, uma vez que estes jovens tendem a ter uma compreensão mais equilibrada e saudável da sexualidade, tendo tendência a tomar decisões informadas e conscientes (Aute, 2020).

Por outro lado, crianças que apresentam um estilo de vinculação inseguro, desenvolvem um "modelo interno de trabalho" menos adaptativo com tendência a persistir ao longo da vida (Doyle & Cicchetti, 2017). Ambientes emocionalmente não favoráveis, ou punições severas podem aumentar o desconforto das crianças e dificultar a gestão emocional, o que dificulta o desenvolvimento de uma vinculação segura e mecanismos de autorregulação (Labella & Masten, 2018). A vinculação insegura pode ser dividida em dois tipos de insegurança diferentes: ansiosa e evitante. A vinculação ansiosa é caracterizada por um medo intenso de rejeição e/ou abandono (Napier et al., 2022). Indivíduos com uma vinculação ansiosa expressam emoções mais negativas e procuram regularmente apoio nos pares em situações de stress, podendo exibir reações emocionais exageradas para chamar a atenção (Clear & Zimmer-Gembeck, 2017). Este tipo de vinculação está associado a comportamentos hostis e a perturbações como depressão e ansiedade (Napier et al., 2022). Por sua vez, indivíduos que apresentam vinculação evitante, tendem a limitar todo o tipo de intimidade, suprimir sentimentos e reduzir o contacto social (Napier et al., 2022). Contrariamente à vinculação insegura ansiosa, indivíduos com vinculação insegura evitante não se sentem confortáveis em depender emocionalmente de outras pessoas (Clear & Zimmer-Gembeck, 2017). Estas características podem limitar a capacidade dos jovens de procurar e receber apoio (Clear & Zimmer-Gembeck, 2017), o que pode potenciar um quadro de isolamento e depressão (Napier et al., 2022).

Estudos recentes têm explorado a relação entre a vinculação parental e comportamentos desviantes. O estudo com metodologia mista de Aute (2020), revelou que quanto mais segura for a vinculação com os pais, menor é o relato de comportamentos desviantes em estudantes do ensino secundário no Kenya, tanto na análise quantitativa, como na qualitativa. De facto, os participantes confirmaram que estudantes com uma vinculação segura com os pais, apresentam um comportamento de autocontrolo, enquanto estudantes com vinculação insegura tendem a apresentar comportamentos de rebeldia e uma visão pessimista da vida, o que contribui para a descrença das normas sociais da sociedade (Aute, 2020). Estudos longitudinais, como o de O'Connor et al. (2019) e o de Wertz et al.

(2018) têm indicado que o cuidado parental precoce pode prever representações de vinculação na adolescência, que por sua vez afetam os comportamentos externos e problemas psicológicos, o que corrobora a possível existência de uma relação significativa entre a má qualidade da vinculação parental e o comportamento desviante (Hutchings et al., 2023). Ademais, as teorias do ciclo de violência propõem que testemunhar ou experienciar violência, fragiliza a vinculação segura e contribui para a desregulação do sistema de resposta ao stress (Labella & Masten, 2018).

Segundo a Lei Tutelar Educativa, entende-se por comportamento desviante na adolescência, a prática de um ato qualificado pela lei como crime por um individuo com idade entre os 12 e os 16 anos. Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI), no ano de 2023, em Portugal, registou-se um aumento de 8.7% do número de ocorrências de comportamentos desviantes em adolescentes (RASI, 2023). Apesar de estudos mais antigos sobre comportamentos desviantes serem baseados maioritariamente em dados recolhidos pelas autoridades, estudos recentes recorrem a questionários de autorresposta que permitem uma recolha de dados mais enriquecida, uma vez que uma grande parte dos jovens que experienciam comportamentos desviantes não são detetados pelas forças de segurança (Pechorro et al., 2015). Estes comportamentos desviantes podem ser classificados em categorias como: Roubo e Furto, Crimes Rodoviários, Crimes Relacionados com Drogas e Álcool, Agressão, Vandalismo, Crimes em Contexto Escolar e Perturbação da Ordem Pública (Pechorro et al., 2015).

Alguns estudos exploram a diferença entre sexos para esta problemática, sendo amplamente aceite que esta diferença existe (e.g. Aute, 2020; Langfjord Mangerud et al., 2014). Por exemplo, os resultados do estudo de Aute (2020), inserido num contexto de estudantes de secundário do Kenya, sugerem que a variável sexo contribui na avaliação do comportamento desviante dos estudantes e que os rapazes têm uma maior tendência para estes comportamentos quando comparados com as raparigas. Contudo, o estudo de (Dullas et al., 2021) revelou que participantes do sexo feminino têm uma maior tendência a cometer infrações menores de comportamentos desviantes, enquanto os rapazes tendem a apresentar uma maior taxa de participação em infrações graves. Especificamente, em relação ao consumo ilícito de drogas, a literatura também corrobora a existência de diferenças entre sexos, em estudantes (e.g. Jules et al., 2015). O estudo de Raffee et al. (2021) cujo objetivo era estimar a prevalência do uso de drogas entre estudantes, revelou que 80% dos estudantes que usavam drogas eram rapazes. Estas diferenças podem estar relacionadas com outros fatores, como rapazes, em algumas culturas, apresentarem mais liberdade, o que facilita o envolvimento nestes comportamentos

(Aute, 2020). Outra explicação para a maior prevalência de consumo de droga em rapazes, quando comparados com as raparigas, pode residir na crença de que a sociedade tem uma tendência maior em desaprovar este comportamento nas raparigas (Raffee et al., 2021).

A compreensão dos comportamentos desviantes em adolescentes, especialmente no contexto de adversidades familiares, tem ganho relevância na literatura científica. A análise de como diferentes variáveis familiares e individuais contribuem para esses comportamentos é crucial para desenvolver intervenções eficazes (Leban & Gibson, 2020). Dullas et al. (2021) mostrou que a estrutura familiar, a satisfação com a família e os traços de personalidade desempenham papéis significativos na predição de comportamentos desviantes. O estudo de Basto-Pereira et al. (2016) evidenciou que adolescentes portugueses que cometeram comportamentos desviantes tinham maior probabilidade de relatar experiências adversas na infância, quando comparados com um grupo de controlo, constituído por indivíduos com o mesmo intervalo de idades do grupo experimental, selecionados através de um método de amostragem por conveniência e em bola de neve. A associação entre experiências adversas na infância e comportamento desviante na adolescência é relacionada, frequentemente, com o Ciclo de Violência proposto por Widom (1989), que sugeriu que crianças que sofrem maus-tratos ou negligência têm maior probabilidade de se envolverem em comportamentos delinquentes durante a adolescência. As adversidades familiares ligadas ao desenvolvimento de agressão e violência incluem pobreza, stresse familiar, desorganização, famílias monoparentais, família grande e violência doméstica. Essas adversidades podem moldar o desenvolvimento de agressão e violência indiretamente através do comportamento dos pais e/ou alterações na fisiologia do stress das crianças. Doenças mentais parentais, abuso de substâncias e criminalidade também estão associados à agressão e violência dos descendentes (Labella & Masten, 2018).

Em suma, a investigação nesta área tem, sobretudo, como objetivo identificar as possíveis consequências das experiências adversas na infância e procurar estabelecer os fatores que predizem o comportamento desviante. Apesar dos estudos apresentados explorarem como as experiências negativas no seio familiar influenciam trajetórias de comportamento desviante, e a relação entre vinculação e comportamento desviante, não foi encontrada, na literatura, evidência sobre o papel da vinculação como fator mediador entre esta adversidade e comportamento desviante. Assim sendo, o objetivo deste estudo é analisar se a vinculação ansiosa e evitante é um fator mediador na relação entre o total de Experiências Potencialmente Traumáticas (EPT) em indivíduos com adversidade no seio familiar, e comportamento

desviante, explorando o modelo para rapazes e raparigas separadamente. Com base na literatura, é esperado que: i) o total de EPT e a vinculação (ansiosa e evitante) estejam correlacionadas entre si e com comportamentos desviantes; ii) a relação entre o total de EPT e comportamento desviante seja explicado pelo papel mediador da vinculação, ansiosa e evitante.

Método

Participantes

A amostra do presente estudo é constituída por 125 participantes, 76 (60.8%) raparigas e 49 (39.2%) rapazes, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 (*M* = 15.6; *DP* = 1.32). Ao nível da escolaridade, os participantes reportaram frequentar entre o 5º ao 12º ano, com o 10º ano de escolaridade a ser reportado por mais participantes (*n* = 27; 21,6%), sendo que 21 (16,8%) participantes não reportaram nível de escolaridade. Um dos critérios de inclusão para a seleção dos participantes para este estudo, foi a existência de violência familiar. As restantes características sociodemográficas dos participantes encontram-se na tabela 1.

Tabela 1

Características Sociodemográficas dos Participantes

Características	Raparigas		Rapazes		Amostra total	
	n	%	n	%	n	%
Locais de recolha						
CPCJ	2	2.6	9	18.4	11	8.8
Escolas profissionais	40	42.6	12	24.5	52	41.6
Instituições de acolhimento	34	44.7	28	57.1	62	49.6
Local de habitação						
Com ambos os pais	25	32.9	5	10.2	30	24
Só com a mãe	10	13.2	11	22.4	21	16.8
Só com o pai	2	2.6	0	0	2	1.6
Família alargada	1	1.3	1	2	2	1.6
Instituições	34	44.7	27	55.1	61	48.8
Outra	4	5.3	5	10.2	9	7.2

Instrumentos

Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico consiste numa serie de questões gerais, e foi utilizado com a finalidade de obter uma caracterização geral dos participantes.

Traumatic Events Screening Inventory for Children (TESI – C/SR)

O inventário de identificação de acontecimentos potencialmente traumáticos (Ford et al., 2000; Versão Portuguesa: Correia-Santos, Azevedo, et al., 2022) permite avaliar a ocorrência de experiências adversas e potencialmente traumáticas (EAPT), ocorridas durante a infância/adolescência, em jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos. Este instrumento avalia 15 tipos de EAPT que os participantes podem ter vivido, testemunhado ou tomado conhecimento: acidentes graves, doenças, perda do cuidador, perda de pessoas significativas, separação dos cuidadores, separação de pessoas significativas, agressão/abuso físico, agressão/abuso sexual, violência familiar, violência comunitária, adversidade entre irmãos, adversidade entre pares, abuso emocional por parte dos cuidadores principais, incapacidade do cuidador principal e negligência grave. O instrumento é composto por 24 itens. Para 23 destes itens, existem 3 opções de resposta, "sim", "não" e "passo". Há ainda um item sob a forma de pergunta aberta, que pretende avaliar qual dos acontecimentos, respondidos no questionário, o indivíduo considera ter sido o pior. Os itens são agrupados nas categorias de tipos de trauma descritas anteriormente. Os valores de *Kappa de Cohen* do instrumento variam entre .73 e 1 para os vários tipos de acontecimentos traumáticos, o que indica uma boa consistência interna (Burleson Daviss et al., 2000). Os valores de *Kappa de Cohen* foram calculados para a amostra deste estudo, obtendo-se valores que variam entre .62 e .95.

Relationship Structures questionnaire of the Experiences in Close Relationships (ECR-RS)

O instrumento ECR-RS (Fraley et al., 2011; Versão portuguesa: Moreira & Canavarro, 2015) foi concebido para avaliar as dimensões ansiosa e evitante da vinculação a quatro figuras de referência: mãe, pai, parceiros românticos e amigos (Fraley et al., 2011). Os indivíduos são instruídos a responder às questões considerando a sua relação com cada figura relacional. Caso a mãe ou o pai já tenham falecido, os indivíduos são instruídos a responder considerando a forma como se sentiam quando a pessoa era viva. Indivíduos que não estejam numa relação romântica, são instruídos a responder considerando a sua relação significativa mais recente ou a relação que imaginam que poderiam ter com alguém (Moreira et al., 2015). A versão utilizada neste estudo foi a portuguesa, adaptada por Moreira &

Canavarro (2015), que seguiu a mesma estrutura de dois fatores (vinculação ansiosa e evitante) do original. Este instrumento de autorrelato é constituído por 9 itens, para serem respondidos relativamente aos pais/figuras materna e paterna, companheiro(a), e melhor amigo. Os itens de 1 a 6 dizem respeito ao estilo de vinculação ansioso e os itens de 7 a 9 ao estilo de vinculação evitante. Os itens são respondidos através de uma escala tipo Likert, que varia entre 1 ("Discordo totalmente") a 7 ("Concordo totalmente"). A pontuação total de cada subescala (vinculação ansiosa e evitante) consiste na média dos itens e varia entre 1 e 7, sendo que pontuações mais elevadas indicam níveis mais elevados de vinculação ansiosa ou evitante. Para este estudo, serão utilizadas apenas as respostas em relação às figuras parentais, uma vez que são aquelas com maior relevância para este estudo. Os quatro tipos de vinculação apresentam boa consistência interna: Vinculação ansiosa em relação à mãe (α = .75); Vinculação ansiosa em relação ao pai (α = .86); Vinculação evitante em relação à mãe (α = .89); Vinculação evitante em relação ao pai (α = .91) (Moreira & Canavarro, 2015). Para este estudo foram calculados os *Alpha de Cronbach*, tendo-se obtido uma boa consistência interna: Vinculação ansiosa em relação à mãe (α = .88); Vinculação ansiosa em relação ao pai (α = .90); Vinculação evitante em relação à mãe (α = .82); Vinculação evitante em relação ao pai (α = .78)

Adapted Self-Reported Delinquency Scale (ASRDS)

A ASRDS (Carroll et al., 1996; 2009; Versão portuguesa: Pechorro et al., 2015) é uma escala de autorrelato que mede o envolvimento de adolescentes em atividades ilegais e antissociais. Este instrumento foi desenvolvido por Carroll et al. (1996), e a versão usada neste estudo foi a portuguesa, adaptada por Pechorro et al. (2015), constituída por 35 itens. Estes itens estão divididos em sete fatores, nomeadamente: Roubo e Furto, Crimes Rodoviários, Crimes Relacionados com Drogas e Álcool, Agressão, Vandalismo, Crimes em Contexto Escolar e Perturbação da Ordem Pública. Para cada um dos itens, existe 3 possibilidades de resposta, "Nunca", "Algumas vezes" e "Frequentemente". A ASRDS pode ser cotada através da soma dos itens tipo Likert de 3 pontos, sendo "Nunca" contabilizada com 0 pontos, "Algumas vezes" com 1 e "Frequentemente" com 2. Pontuações mais altas indicam maior envolvimento em comportamento desviante (Pechorro et al., 2015). A variável "comportamento desviante" utilizada neste estudo, é a soma da pontuação de todos os itens. O ASRDS apresenta uma boa consistência interna (α = .96) (Pechorro et al., 2015). Para a amostra deste estudo, foi calculado o valor de *Alpha de Cronbach* que indicou uma boa consistência interna (α = .95).

Procedimento

Este estudo utiliza dados recolhidos no contexto de um estudo que decorreu no âmbito da equipa de investigação. Os locais de recolha dos dados dos participantes foram escolas profissionais, Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) e instituições de acolhimento. Estas instituições foram contactadas por email, e posteriormente por telefone, para marcar uma reunião para explicar o propósito do estudo. Apenas se iniciou a recolha nas instituições que consentiram com o processo. Numa fase inicial, os adolescentes potencialmente elegíveis receberam informações mais detalhadas sobre o estudo, durante sessões em pequenos grupos, onde foi explicado o objetivo do estudo e destacadas as medidas de proteção da privacidade e confidencialidade. Aos participantes foi assegurado de que tinham a opção de não responder a qualquer pergunta e que podiam terminar a sua participação em qualquer altura, sem quaisquer consequências. Aqueles que concordaram em participar, receberam um formulário de consentimento para eles próprios e um dos pais ou responsável legal assinarem. Após esta seleção, os participantes que devolveram ambos os consentimentos devidamente assinados, responderam a diversos questionários, alguns dos quais, vão ser utilizados neste estudo. A amostra utilizada neste estudo, tem por base dados recolhidos entre 2018 e 2020.

Análise de Dados

Os dados foram analisados através do software IBM SPSS Statistics 29. Inicialmente, calculou-se as estatísticas descritivas para caracterizar as variáveis do estudo. De seguida, testou-se os pressupostos para a utilização de testes paramétricos, conduziu-se uma avaliação dos outliers, e calculou-se as correlações de *Pearson* entre as variáveis de estudo, para avaliar as relações iniciais: total de EPT, vinculação e comportamento desviante. Testou-se a análise com testes paramétricos e não paramétricos, e, uma vez que apresentaram o mesmo resultado, recorremos aos testes não paramétricos. Assim sendo, com recurso ao PROCESS 4.2, desenvolvido por Hayes, executou-se as análises de mediação para testar se a vinculação ansiosa atua como mediador na relação entre o total de EPT e comportamento desviante. Estas análises foram efetuadas para determinar os efeitos diretos e indiretos, através do método de *bootstrapping* (5000, re-amostragens) e do intervalo de confiança de 95% *Bias-Corrected* (BCa CI), com recurso ao Modelo 4 do PROCESS 4.2. Se o intervalo de confiança 95% incluir zero é porque o efeito não é estatisticamente significativo ao nível .05 (Hayes, 2018).

Resultados

Estatísticas descritivas

As estatísticas descritivas das variáveis do estudo estão apresentadas na tabela 2. Observou-se que a totalidade dos participantes, tanto femininos (*n* = 76) como masculinos (*n* = 49), reportaram a experiência de pelo menos um tipo de trauma. A amplitude dos traumas reportados foi de 1 a 14 entre as raparigas, com uma moda de 9, e de 4 a 13 entre os rapazes, com uma moda de 8. No que diz respeito à vinculação evitante em relação à mãe, as médias foram de 3.7 (*DP* = 2.1) e 2.7 (*DP* = 1.9), para raparigas e rapazes, respetivamente. Similarmente, para a vinculação evitante em relação ao pai, as médias foram de 3.7 (*DP* = 2) e 3 (*DP* = 1.9), para raparigas e rapazes, respetivamente. Na vinculação ansiosa em relação à mãe, obteve-se médias de 3.2 (*DP* =1.8) e 3.1 (*DP* = 1.7), para raparigas e rapazes, respetivamente. Quanto à vinculação ansiosa em relação ao pai, as médias foram de 4 (*DP* = 1.8) e 3.6 (*DP* = 1.9), para raparigas e rapazes, respetivamente. Em relação aos comportamentos desviantes, nas raparigas verificou-se uma amplitude de 0 a 28, com uma média de 5.9 (*DP* = 5.7). Entre os rapazes, verificou-se uma amplitude maior de comportamentos desviantes, de 0 a 31, resultando numa média significativamente superior de 10.1 (*DP* = 8). Estes resultados sugerem padrões distintos de EPT, estilos de vinculação e comportamentos desviantes entre os géneros.

Tabela 2

Estatísticas descritivas

Variáveis	Raparigas			Rapazes		
	n (%)	Min-Max	Moda	*n* (%)	Min-Max	Moda
Total de EPT	76 (100%)	1-14	9	49 (100%)	4-13	8
	n (%)	Min-Max	*M (DP)*	*n* (%)	Min-Max	*M (DP)*
Vinculação Evitante- mãe	75 (98.7)	1-7	3.7 (2.1)	48 (98)	1-7	2.7 (1.9)
Vinculação Evitante- pai	74 (97.4)	1-7	3.7 (2)	46 (93.9)	1-7	3 (1.9)
Vinculação Ansiosa- mãe	75 (98.7)	1-7	3.2 (1.8)	48 (98)	1-7	3.1 (1.7)
Vinculação Ansiosa- pai	74 (97.4)	1-7	4 (1.8)	46 (93.9)	1-7	3.6 (1.9)
Comportamentos desviantes	69 (90.8)	0-28	5.9 (5.7)	47 (95.9)	0-31	10.1 (8)

Correlações entre as Variáveis do Estudo

Na análise dos dados deste estudo, inicialmente conduziu-se uma avaliação dos *outliers* para garantir a precisão das correlações estatísticas entre as variáveis. Identificou-se e removeu-se um *outlier* extremo que poderia distorcer os resultados, permitindo uma análise mais representativa da amostra estudada. Para testar a primeira hipótese deste estudo, foi realizada uma análise de correlação. Nomeadamente, foram realizadas correlações entre o total de EPT, os comportamentos desviantes e a vinculação evitante e ansiosa relatada em relação a ambos os pais. Utilizou-se o coeficiente de correlação de *Pearson* para medir a força e a direção das correlações entre as variáveis, dado que os dados atendiam aos pressupostos de normalidade e linearidade. A análise das correlações de *Pearson* entre as variáveis estão descritas na tabela 3. Na amostra das raparigas, a correlação foi significativa e positiva entre o total de EPT e a vinculação evitante ao pai (r = .25, p < .05); entre o total de EPT e comportamentos desviantes (r = .38, p < .01); entre a vinculação evitante à mãe e a vinculação evitante ao pai (r = .48, p < .01); entre a vinculação evitante à mãe e comportamentos desviantes (r = .47; p < .01); entre a vinculação evitante ao pai e comportamentos desviantes (r = .29; p < .05) e entre a vinculação ansiosa à mãe e a vinculação ansiosa ao pai (r = .24, p < .05). Na amostra dos rapazes, a correlação foi positiva e significativa entre a vinculação evitante ao pai e a vinculação evitante à mãe (r = .49, p < .01); entre a vinculação ansiosa à mãe e a vinculação evitante ao pai (r = .35, p < .05) e entre comportamentos desviantes e total de EPT (r = .34, p < .05).

Tabela 3

Correlações de Pearson entre as variáveis

Variáveis	1	2	3	4	5	6
1.Total de EPT	-	.2	.25*	.05	.11	.38**
2.Vinculação evitante mãe	-.03	-	.48**	-.12	.04	.47**
3.Vinculação evitante pai	-.002	.49**	-	-.01	-.06	.29*
4.Vinculação ansiosa mãe	.16	.24	.35*	-	.24*	.05
5.Vinculação ansiosa pai	.01	.08	.03	-.13	-	.07
6.Comportamentos desviantes	.34*	.005	-.21	-.14	.21	-

Nota. Os resultados para a amostra "raparigas" (n = 75) encontram-se acima da diagonal. Os resultados para a amostra "rapazes" (n = 49) encontram-se abaixo da diagonal.

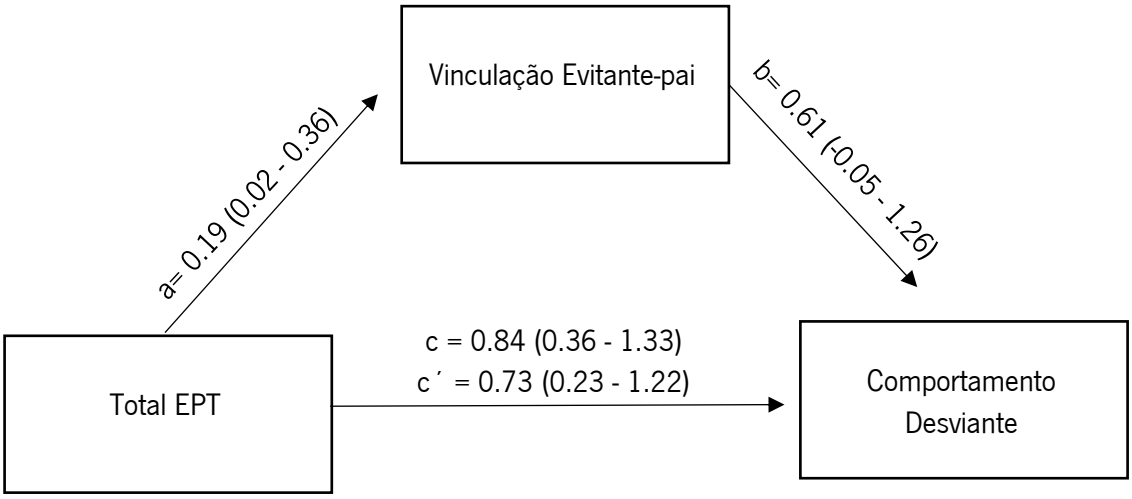
*p < .05 **p < .001

Papel Mediador da Vinculação na Relação entre Adversidade Familiar e Comportamento Desviante

Para testar a segunda hipótese deste estudo, foi realizada uma análise de mediação, focando na amostra feminina. A escolha desta abordagem deve-se ao fato de que apenas nesta amostra as variáveis "Total de EPT", "Comportamento Desviante" e a "Vinculação Evitante em relação ao Pai" apresentaram correlação estatística significativa, cumprindo assim os pressupostos necessários à realização das análises de mediação. A variável "Total de EPT" foi usada como preditor, a variável "Vinculação Evitante em relação ao Pai" como mediador e a variável "Comportamento Desviante" como variável resultado. O modelo total é significativo (F (2,70) = 7.87, p < .001), e explica 18.4% da variância. O Total de EPT é preditor da vinculação evitante ao pai (B = .19, SE = .09, p < .05, 95% CI [.02,.36]) e de comportamentos desviantes (B = .84, SE = .24, p < .001, 95% CI [.36, 1.33]). No entanto, a vinculação evitante ao pai, não se apresenta como preditor significativo dos comportamentos desviantes. Contudo, o efeito total dos EPT nos comportamentos desviantes foi significativo (B = .84, SE = .24, p < .001, 95% CI [.36, 1.33]), mas este efeito foi reduzido (B = .73, SE = .25, p < .001, 95% CI [.23, 1.22]), quando o efeito indireto foi incluído (B = .12, SE = .08, 95%CI [.002, .29]; ver Figura 1).

Figura 1

Efeito da Vinculação Evitante em relação ao Pai como mediador na relação entre o Total de EPT e Comportamento Desviante



Nota. a = efeito do total de EPT no mediador; b = efeito do mediador no comportamento desviante; c = efeito direto do total de EPT em comportamento desviante; c´ = efeito indireto do total de EPT em comportamento desviante. Os valores são coeficientes não padronizados e intervalos de confiança bootstrap.

Discussão

O estudo dos comportamentos desviantes em jovens, bem como os seus preditores, tem se assumido como um tema de interesse na comunidade científica, em investigações recentes (Aute, 2020; Dullas et al., 2021; Hutchings et al., 2023; Leban & Gibson, 2020). A adversidade na infância é um dos ramos comumente explorado na predição desta problemática, uma vez que a infância é uma fase modelar na vida do ser humano (Nelson et al., 2020). Considerando esta questão, a adversidade no seio da família é relatada como um dos tipos mais frequentes de adversidade infantil (Okediji et al., 2024). Neste seguimento, a relação com os pais é outro fator muito importante no crescimento e formação de um individuo, sendo amplamente discutido na literatura que uma vinculação com pouca qualidade com as figuras parentais está relacionada a futuras trajetórias de violência (Aute, 2020; Labella & Masten, 2018). Assim, torna-se importante o desenvolvimento de estudos que explorem a interação entre adversidade familiar, estilos de vinculação com as figuras parentais e comportamento desviante. Neste sentido, o presente estudo procurou analisar e compreender se a vinculação ansiosa e evitante é um fator mediador na relação entre o total de EPT em indivíduos com adversidade no seio familiar, e comportamento desviante, explorando o modelo para rapazes e raparigas separadamente.

Começando pelas correlações entre as variáveis deste estudo, os resultados revelaram a existência de uma correlação positiva e significativa entre o total de EPT em indivíduos com adversidade na família e comportamentos desviantes, tanto na amostra das raparigas, como na dos rapazes. Estes resultados são corroborados pela literatura, que destaca que a estrutura familiar e a satisfação com a família desempenham papéis significativos na predição de comportamentos desviantes (Dullas et al., 2021). Além disso, a literatura também refere que adolescentes que desenvolvem comportamentos desviantes têm maior probabilidade de relatar experiências adversas na infância (Basto-Pereira et al., 2016). Relativamente à correlação entre a vinculação (evitante e ansiosa) e comportamentos desviantes, esta foi significativamente positiva apenas na amostra das raparigas, e especificamente para a vinculação evitante a ambas as figuras parentais. Estes resultados são corroborados pela literatura, que destaca que a vinculação evitante, em particular, é caracterizada pela minimização das expressões emocionais e pela propensão para o distanciamento emocional nas relações (Napier et al., 2022). Estas particularidades podem limitar a capacidade dos jovens de procurar e receber apoio, exacerbando as respostas desadaptativas aos stressores familiares (Clear & Zimmer-Gembeck, 2017) . Adicionalmente, a existência de correlações significativas entre as variáveis apenas na amostra feminina, pode ser explicada pela diferença da prevalência e expressão de comportamentos desviantes entre sexos, o que

é amplamente corroborado pela literatura (Aute, 2020; Dullas et al., 2021 Langfjord Mangerud et al., 2014). De facto, o estudo de Dullas et al. (2021) concluiu que raparigas tendem a cometer infrações menores de comportamentos desviantes, enquanto rapazes estão mais frequentemente envolvidos em comportamentos desviantes graves. Esta pode ser uma possível explicação para a ausência de correlações significativas entre comportamentos desviantes e estilos de vinculação inseguros na amostra dos rapazes, uma vez que não foi realizada a discriminação de gravidade dos comportamentos desviantes. Investigações futuras com estas variáveis deverão considerar avaliar a diferença da gravidade dos comportamentos desviantes, em rapazes e raparigas. Por fim, a correlação entre o total de EPT em indivíduos com adversidade na família, e vinculação, foi significativamente positiva apenas na amostra das raparigas, e para a vinculação evitante ao pai. A existência de correlações significativas entre a vinculação e as outras variáveis apenas na amostra das raparigas, pode ser explicada por estudos que demonstram que as raparigas tendem a ser mais sensíveis à qualidade da vinculação com as figuras parentais, em comparação com os rapazes (Chen et al., 2021; Shek, 2008). Por outro lado, este resultado é inconsistente com a descoberta de Gerlach et al. (2022) que relatou que o sexo masculino é mais vulnerável a vinculações inseguras com as figuras parentais no contexto de um clima familiar negativo. Em relação à questão de o único estilo de vinculação, com uma correlação significativamente positiva ao total de EPT em indivíduos com adversidade na família, ser a vinculação evitante, especificamente ao pai, é ambivalente na literatura. O estudo de Pan et al. (2016) demonstrou que a qualidade de vinculação com o pai, apresenta um impacto maior no funcionamento social e sintomas depressivos em crianças e adolescentes, quando comparado com a qualidade de vinculação com a mãe. Liu (2008) corrobora esta descoberta, nomeadamente para a amostra das raparigas, porém refere que para a amostra feminina, a vinculação com a mãe é um melhor preditor para o apoio familiar, do que a vinculação com o pai. Assim sendo, os resultados obtidos corroboram a primeira hipótese deste estudo, porém apenas na amostra das raparigas e para o estilo de vinculação evitante ao pai: o total de EPT em indivíduos com adversidade no seio familiar e a vinculação evitante ao pai estão correlacionadas entre si e com comportamentos desviantes, na amostra feminina.

Em relação à análise de mediação, conduzida com a finalidade de entender se a vinculação evitante ao pai funciona como mediador na relação entre o total de EPT em indivíduos com adversidade no seio familiar, e comportamentos desviantes, os resultados indicaram que o modelo global foi significativo. Contudo, no modelo de mediação, a vinculação evitante ao pai não se apresentou como um preditor significativo, o que pode levar a várias interpretações. Uma delas poderá ser o facto de apesar

de parecer que a vinculação evitante ao pai, poderá não ter um efeito direto forte nos comportamentos desviantes, juntamente com toda a adversidade vivenciada, é uma variável importante para mediar a relação entre o total de EPT e os comportamentos desviantes. Esta hipótese é corroborada pelos estudos longitudinais de O'Connor et al. (2019) e o de Wertz et al. (2018) que indicaram que o cuidado parental precoce pode prever representações de vinculação na adolescência, que por sua vez afetam os comportamentos externos e problemas psicológicos, o que corrobora a possível existência de uma relação significativa entre a má qualidade da vinculação parental e o comportamento desviante (Hutchings et al., 2023). Por outro lado, este resultado também pode dever-se ao tamanho limitado da amostra (Fritz & MacKinnon, 2003). Tendo em conta o que a literatura tem mostrado sobre o papel da vinculação nos comportamentos desviantes (Hutchings et al., 2023), defendemos que, com uma amostra maior poderá ser possível que o efeito seja significativo. No entanto, os resultados parecem apontar no sentido de que um possível mecanismo explicativo, da relação entre EPTs e comportamentos desviantes, em raparigas que reportam adversidade no seio da família, é a vinculação evitante ao pai.

Limitações e sugestões para estudos futuros

Este estudo apresenta algumas limitações, como por exemplo, o maior número de participantes femininos em relação aos participantes masculinos. Apesar da amostra feminina ser maior, ainda assim não será grande o suficiente que permita ter poder estatísticos para análises de mediação, (Fritz & MacKinnon, 2007), pelo que os resultados devem ser interpretados com alguma cautela. Consideramos que seria interessante analisar se com uma amostra maior, será possível estudar o poder mediador da vinculação, tanto ansiosa como evitante e com as dua figuras parentais, para amostras masculinas e femininas, uma vez que neste estudo essa análise ficou limitada à amostra feminina e à vinculação evitante ao pai.

Outra possibilidade de estudo que consideramos interessante para perceber o que explica o comportamento desviante nos rapazes, seria analisar a amostra masculina com outros fatores, não analisados neste estudo, como o apoio social externo à família, ou mecanismos de coping. De igual forma, estudar os comportamentos desviantes de forma mais individualizada, ou considerar dois grupos, de infrações menores ou maiores, pode ajudar a perceber o que explica o comportamento desviante nos rapazes, uma vez que a literatura defende que rapazes tendem a estar mais envolvidos em infrações graves (Dullas et al., 2021).

Outra limitação deste estudo é o método de preenchimento dos instrumentos, nomeadamente o autorrelato. A utilização de instrumentos de autorelato pode ser considerada uma limitação porque as respostas obtidas podem não corresponder totalmente à realidade. Estas limitações dos instrumentos podem ser ainda mais influentes em estudos com crianças e, principalmente, quando falamos de instrumentos que avaliam experiências adversas na infância. Uma vez que estes instrumentos utilizam métodos retrospetivos, existe uma maior possibilidade da pouca clareza, dos participantes, sobre o assunto (Patten et al., 2015). Para além disso, diversas questões como desejabilidade social, medo, ou até mesmo desinteresse, podem influenciar os resultados. Khattak et al. (2021) concluiu que a utilização de várias fontes para recolher dados sobre comportamentos desviantes pode ser benéfico para eliminar a possibilidade de viés de desejabilidade social nas respostas e proporcionar uma oportunidade para triangulação. Assim sendo, consideramos importante que estudos futuros considerem a utilização de metodologias longitudinais para averiguar como as trajetórias de vinculação evoluem com o tempo e influenciam a adaptação psicológica e comportamental em resposta a adversidades familiares prolongadas. De igual forma, seria interessante incluir análises qualitativas, no sentido de compreender melhor as nuances nas relações familiares e os seus impactos comportamentais. Por fim, a inserção de medidas multidimensionais de adversidade, como variáveis económicas, psicológicas e sociais, poderia proporcionar uma compreensão mais elaborada das condições sob as quais a vinculação influencia os comportamentos desviantes.

Implicações

Este estudo apresenta implicações práticas significativas para o desenvolvimento de intervenções clínicas e programas de prevenção focados em famílias com crianças e adolescentes expostos a ambientes familiares adversos. Intervenções direcionadas que visam fortalecer a vinculação entre pais e filhos, especialmente no desenvolvimento de estilos de vinculação mais seguros, podem ser cruciais para mitigar os impactos da adversidade familiar (Duffee et al., 2021). Estes tipos de intervenções podem ajudar a reparar e a fortalecer as relações parentais e fornecer aos jovens melhores estratégias para enfrentar adversidades, podendo, talvez, prevenir o desenvolvimento de comportamentos desviantes nestes jovens.

Em suma, este estudo destaca a importância da identificação dos mecanismos que podem explicar os comportamentos desviantes. Ademais, sublinha-se ser fulcral a necessidade de abordagens terapêuticas sensíveis ao contexto e ao sexo, com o objetivo de mitigar eficazmente os efeitos adversos em jovens expostos a ambientes familiares adversos. É, ainda, importante, que investigações futuras

sejam mais abrangentes e diversificadas, incorporando diferentes metodologias, contextos culturais e socioeconómicos, bem como variáveis demográficas, para que seja mais claro de que forma podemos prevenir os comportamentos desviantes em jovens, e, assim, formular intervenções eficazes e direcionadas.

Referências

Aute, D. A. (2020). The relationship between parental attachment style, family socioeconomic status and deviant behaviour among secondary school students in homa bay county, Kenya [Doctoral thesis, University of Science and Technology]. DSpace. http://rlibrary.mmust.ac.ke/123456789/1408

Basto-Pereira, M., Miranda, A., Ribeiro, S., & Maia, Â. (2016). Growing up with adversity: From juvenile justice involvement to criminal persistence and psychosocial problems in young adulthood. *Child Abuse and Neglect*, *62*, 63–75. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.10.011

Bowlby, J. (1969). Attachment and loss: Vol. I. Attachment. New York, NY: Basic Books.

Brown, E. J., Cohen, J. A., & Mannarino, A. P. (2020). Trauma-Focused Cognitive-Behavioral Therapy: The role of caregivers. In *Journal of Affective Disorders* (Vol. 277, pp. 39–45). Elsevier B.V. https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.07.123

Burleson Daviss, W., Racusin, R., Fleischer, A., Mooney, D., Ford, J. D., & McHugo, G. J. (2000). Acute stress disorder symptomatology during hospitalization for pediatric injury. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, *39* (5), 569–575. https://doi.org/10.1097/00004583-200005000-00010

Carroll, A., Durkin, K., Houghton, S., & Hattie, J. (1996). An adaptation of Mak's self-report delinquency scale for western Australian adolescents. Australian Journal of Psychology, 48, 1-7.

Chen, H., Meza, J. I., Yan, Y., Wu, Q., & Lin, X. (2021). *Parental attachment and depression in adolescents: Moderation mediation model of empathy and gender. Current Psychology*, *42* (7), 5898-5909.https://doi.org/10.1007/s12144-021-01698-4/Published

Clear, S. J., & Zimmer-Gembeck, M. J. (2017). Associations between Attachment and Emotion-Specific Emotion Regulation with and without Relationship Insecurity Priming. *International Journal of Behavioral Development*, *41*(1), 64–73. https://doi.org/10.1177/0165025415620057

Correia-Santos, P., Ford, J. D., Maia, Â. C., & Pinto, R. J. (2023). Posttraumatic stress disorder symptoms and dissociation as serial mediators of the relationship between cumulative victimization and adjustment problems among poly-victimized at-risk youth. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy, 15* (Suppl 1), S11–S19. https://doi.org/10.1037/tra0001383

Cross, D., Fani, N., Powers, A., & Bradley, B. (2017). Neurobiological Development in the Context of Childhood Trauma. *Clinical Psychology: Science and Practice*, *24* (2), 111–124. https://doi.org/10.1111/cpsp.12198

Duffee, J., Szilagyi, M., Forkey, H., & Kelly, E. T. (2021). Trauma-informed care in child health systems. *Pediatrics*, *148* (2). https://doi.org/10.1542/peds.2021-052579

Dullas, A. R., Yncierto, K. D., Labiano, M. A., & Marcelo, J. C. (2021). Determinants of a Variety of Deviant Behaviors: An Analysis of Family Satisfaction, Personality Traits, and Their Relationship to Deviant Behaviors Among Filipino Adolescents. *Frontiers in Psychology*, *12*, 645126. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.645126

Ford, J. D., Racusin, R., Ellis, C. G., Daviss, W. B., Reiser, J., Fleischer, A., & Thomas,J. (2000). Child maltreatment, other trauma exposure, and posttraumatic symptomatology among children with oppositional defiant and attention deficit hyperactivity disorders. Child Maltreatment, 5(3), 205–217. https://doi.org/10.1177/1077559500005003001

Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The Experiences in Close Relationships-Relationship Structures Questionnaire: A Method for Assessing Attachment Orientations Across Relationships. *Psychological Assessment*, *23* (3), 615–625. https://doi.org/10.1037/a0022898

Fritz, M. S., & MacKinnon, D. P. (2007). Required sample size to detect the mediated effect. *Psychological science*, *18* (3), 233-239. https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2007.01882.x

Gerlach, J., Fößel, J. M., Vierhaus, M., Sann, A., Eickhorst, A., Zimmermann, P., & Spangler, G. (2022). Effects of family risk on early attachment security: Gender-specific susceptibility and mediation by parenting behavior. *Developmental Child Welfare*, *4* (1), 20–40. https://doi.org/10.1177/25161032211065459

Hayes, A. F. (2018). Partial, conditional, and moderated mediation: Quan tification, inference, and interpretation. Communication Monographs, 85(1), 4–40. https://doi.org/10.1080/03637751.2017.1352100

Hughes, K., Bellis, M. A., Hardcastle, K. A., Sethi, D., Butchart, A., Mikton, C., Jones, L., & Dunne, M. P. (2017). *Articles The effect of multiple adverse childhood experiences on health: a systematic review and meta-analysis*. *The Lancet public health*, *2* (8), e356-e366. https://doi.org/10.1016/S2468-2667(17)30118-4

Hutchings, J., Williams, M. E., & Leijten, P. (2023). Attachment, behavior problems and interventions. *Frontiers in Child and Adolescent Psychiatry*, *2, 1156407*. https://doi.org/10.3389/frcha.2023.1156407

Jules, M. A., Noh, S., Hamilton, H., Brands, B., Gastaldo, D., Wright, M. da G. M., Cumsille, F., & Khenti, A. (2015). Spirituality, gender, and drug use among students from one University in Barbados. *Texto e Contexto Enfermagem*, *24*, 117–124. https://doi.org/10.1590/0104-07072015001140014

Khattak, M. N., Zolin, R., & Muhammad, N. (2021). The combined effect of perceived organizational injustice and perceived politics on deviant behaviors. *International Journal of Conflict Management*, *32* (1), 62–87. https://doi.org/10.1108/IJCMA-12-2019-0220

Labella, M. H., & Masten, A. S. (2018). Family influences on the development of aggression and violence. In *Current Opinion in Psychology* ,*19*, 11-16. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.028

Lacey, R. E., & Minnis, H. (2020). Practitioner Review: Twenty years of research with adverse childhood experience scores – Advantages, disadvantages and applications to practice. In *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 61(2),116–130). https://doi.org/10.1111/jcpp.13135

Langfjord Mangerud, W., Bjerkeset, O., Lydersen, S., & Saebø Indredavik, M. (2014). *Physical activity in adolescents with psychiatric disorders and in the general population*. *Child and adolescent psychiatry and mental health*, *8*, 1-10. https://doi.org/10.1186/1753-2000-8-2

Leban, L., & Gibson, C. L. (2020). The role of gender in the relationship between adverse childhood experiences and delinquency and substance use in adolescence. *Journal of Criminal Justice*, *66*. 101637. https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2019.101637

Liu, Y. L. (2008). An examination of three models of the relationships between parental attachments and adolescents' social functioning and depressive symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, *37* (8), 941–952. https://doi.org/10.1007/s10964-006-9147-1

Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2015). Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the portuguese version of the experiences in close relationships-relationship structures questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, *97* (1), 22–30. https://doi.org/10.1080/00223891.2014.950377

Muhammad, H., Rafiq, W., Fatima, T., Sohail, M. M., Saleem, M., & Khan, M. A. (2013). Parental Involvement and Academic Achievement; A Study on Secondary School Students of Lahore, Pakistan. *International Journal of Humanities and Social Science*, 3 (8), 209-223.

Napier, T. R., Howell, K. H., Schaefer, L. M., & Schwartz, L. E. (2022). Differentiating the effects of anxious and avoidant attachment on depression and resilience following trauma. *Journal of American College Health*, *70* (2), 625–633. https://doi.org/10.1080/07448481.2020.1762605

Nelson, C. A., Scott, R. D., Bhutta, Z. A., Harris, N. B., Danese, A., & Samara, M. (2020). Adversity in childhood is linked to mental and physical health throughout life. *The BMJ*, *371*. https://doi.org/10.1136/bmj.m3048

Okediji, P., Troy, D., Heron, J., Kipping, R. R., Martin, R. M., & Wright, C. (2024). Exploring the associations between adverse childhood experiences (ACEs) and adolescent cancer risk behaviours in the ALSPAC cohort. *BMC Public Health*, *24* (1). https://doi.org/10.1186/s12889-023-17516-4

Pan, Y., Zhang, D., Liu, Y., Ran, G., & Teng, Z. (2016). Different Effects of Paternal and Maternal Attachment on Psychological Health Among Chinese Secondary School Students. *Journal of Child and Family Studies*, *25* (10), 2998–3008. https://doi.org/10.1007/s10826-016-0463-0

Patten, S. B., Wilkes, T. C. R., Williams, J. V. A., Lavorato, D. H., El-Guebaly, N., Schopflocher, D., Wild, C., Colman, I., & Bulloch, A. G. M. (2015). Retrospective and prospectively assessed childhood

adversity in association with major depression, alcohol consumption and painful conditions. *Epidemiology and Psychiatric Sciences*, *24* (2), 158–165. https://doi.org/10.1017/S2045796014000018

Pechorro, P., Vieira, R., Marôco, J., Barroso, R., & Gonçalves, R. A. (2015). Revista da Associação Portuguesa de Psicologia Adaptação de uma versão portuguesa da Escala de Delinquência Auto-Relatada Adaptada para adolescentes. *Psicologia*, *29* (1), 59–67. https://doi.org/10.17575/rpsicol.v29i1.549

Raffee, L. A., Al-Qudah, M. A., Hayajneh, W. A., Alawneh, K. Z., Mahasneh, O. I., Alomari, M. M., & Al-Mistarehi, A. H. (2021). Prevalence estimates of drug addiction among high-school students and its association with violence, and school behaviors: A cross-sectional study from Jordan. *Annals of Medicine and Surgery*, *67*. https://doi.org/10.1016/j.amsu.2021.102490

Relatório Anual de Segurança Interna [RASI]. (2023). https://www.portugal.gov.pt/pt/gc24/comunicacao/documento?i=relatorio-anual-de-seguranca-interna-2023

Shek, D. T. L. (2008). Parental behavioral control and parent-child relational quality predictors of perceived parental knowledge in Chinese adolescents in Hong Kong. *American Journal of Family Therapy*, *36* (4), 332–343. https://doi.org/10.1080/01926180701686155

Ungar M. (Ed.), (2021). *Multisystemic Resilience*. Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/oso/9780190095888.001.0001

Vig, K. D., Paluszek, M. M., & Asmundson, G. J. G. (2019). ACEs and physical health outcomes. In *Adverse Childhood Experiences: Using Evidence to Advance Research, Practice, Policy, and Prevention* (pp. 71–90). Elsevier. https://doi.org/10.1016/B978-0-12-816065-7.00005-7

Wadman, R., Hiller, R. M., & St Clair, M. C. (2020). The influence of early familial adversity on adolescent risk behaviors and mental health: Stability and transition in family adversity profiles in a cohort sample. *Development and Psychopathology*, *32* (2), 437–454. https://doi.org/10.1017/S0954579419000191

Walsh, F. (2016). Strengthening family resilience (3rd ed.). New York, NY: Guilford Press.

Wertz, J., Agnew-Blais, J., Caspi, A., Danese, A., Fisher, H. L., Goldman-Mellor, S., Moffitt, T. E., & Arseneault, L. (2018). *From Childhood Conduct Problems to Poor Functioning at Age 18 Years: Examining Explanations in a Longitudinal Cohort Study*. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, *57* (1), 54-60. https://doi.org/10.1016/j.jaac.2017.09.437

Widom, C. S. (1989). The cycle of violence. Science, 244(4901), 160–166. https://doi.org/10.1126/science.2704995

Anexo A

Universidade do Minho

Conselho de Ética

Conselho de Ética - Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CE.CSH 080/2018

Título do projeto: *Funcionamento Global de Jovens: Um estudo longitudinal com adolescentes sinalizados às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ)*

Equipa de Investigação: Patrícia Correia Santos, Doutoramento em Psicologia Aplicada, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Ângela Costa Maia (Orientadora), Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Ricardo Pinto (Orientador), Universidade Lusófona do Porto; Sara Duarte Lima, Mestranda, Universidade do Minho; Cláudia Rocha, Mestranda, Universidade Lusófona do Porto; Margarida Matos, Mestranda, Universidade Lusófona do Porto

PARECER

O Conselho de Ética analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Funcionamento Global de Jovens: Um estudo longitudinal com adolescentes sinalizados às CPCJ.*
Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, o Conselho de Ética nada tem a opor à realização do projeto, emitindo o seu parecer favorável.

Braga, 7 de janeiro de 2019.

A Presidente do CEUMinho

Assinado por : **GRACIETTE TAVARES DIAS**
Num. de Identificação Civil: BI071230157
Data: 2019.01.18 14:47:04 Hora padrão de GMT

CARTÃO DE CIDADÃO

Anexo: Formulário de identificação e caracterização do projeto